

A PESQUISA COM O USO DE IMAGENS E A DIVULGAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA DE CAPOEIRA ANGOLA RESISTÊNCIA

Danilo de ABREU E SILVA¹

RESUMO: Este artigo pretende descrever uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo principal é identificar e compreender como se desenvolvem os processos de divulgação do saber popular da Escola de Capoeira Angola Resistência e suas relações com as novas mídias e formas de divulgação cultural. Para isso, descreverá a história, os princípios e funcionamento dessa escola de educação não-formal. Também procura apontar brevemente os fundamentos teóricos em torno da pesquisa e divulgação nas ciências sociais com o uso de imagens, por meio da antropologia visual e da comunicação intercultural. Por fim, o artigo apresenta as discussões que serão referências para os resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Cultura popular, divulgação cultural, capoeira angola.

ABSTRACT: This essay describes a research in progress whose main objective is to identify and understand how does the procedures for disclosure of popular knowledge of the School of *Capoeira Angola Resistência* are developed and its relationship with new media and forms of cultural disclosure. For this, it will describe the history, principles and operation of this non-formal education school. It also tries to point out briefly the theoretical foundations around the research and disclosure in the social sciences with the use of images, by the visual anthropology and intercultural communication. Finally, the article presents the discussions to be references to the search results.

Keywords: Popular culture, cultural disclosure, Capoeira Angola.

1. Introdução

Este artigo descreve o objeto de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos

¹ Mestrando em Divulgação Científica e Cultural – Labjor/ IEL/ Unicamp

Avançado em Jornalismo (Labjor) e do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp). Ela tem como principal objetivo identificar e compreender como se desenvolvem os processos de divulgação do saber popular da Escola de Capoeira Angola Resistência (ECAR) e suas relações com as novas mídias e formas de divulgação cultural. Os processos de aprendizagem e transmissão desses saberes populares vão desde vivências culturais (ritual, oralidade, musicalidade, expressão e técnica corporal) até o uso de tecnologias digitais (fotos, vídeos, internet), o que nos motiva a estudar como se estabelecem essas relações entre a tradição e a modernidade em uma escola de educação não-formal. A Escola de Capoeira Angola Resistência (ECAR), fundada em 2009, faz uso desses meios para divulgar a capoeira angola, baseada nos princípios herdados dos velhos mestres dessa expressão cultural.

Neste artigo buscamos identificar algumas das principais atividades desenvolvidas ECAR, afim de compreender como o conhecimento popular é produzido, registrado e divulgado pelo próprio grupo. Abordaremos, também, as contribuições de uma pesquisa com o uso de imagens nesse processo como uma forma de captação e transmissão do conhecimento popular com uma linguagem que possa atingir os mais diversos públicos, num processo criativo de desconstrução e reconstrução do real com as imagens, em uma autoria em conjunto com os sujeitos da pesquisa.

2. Descrição do grupo pesquisado

A Escola de Capoeira Angola Resistência foi fundada por Valdisinei Ribeiro Lacerda, o Contra-mestre (CM) Topete, conceituado capoeirista que iniciou a sua experiência em torno da capoeira regional na década de 1980 no grupo Coquinho Baiano, com os Mestres Godoy e Maya. Em 1989, passa a treinar a capoeira angola com Mestre Pé-de-chumbo (que iniciava o trabalho do Centro Esportivo de Capoeira Angola – Academia de João Pequeno de Pastinha no Estado de São Paulo) e, posteriormente, com Mestre Bahia. Portanto, entre 1989 e 2000, Topete praticou capoeira regional e capoeira angola. Em 2000, Topete passa definitivamente para a capoeira angola e, no dia 09 de setembro de 2009, funda a ECAR.

A partir desse momento, a ECAR e seu contra-mestre adquiriam autonomia para o trabalho de valorização, pesquisa, registro e divulgação da capoeira angola, ainda que embasado nos fundamentos e na linhagem de Mestre João Pequeno de Pastinha.

A sede da ECAR está localizada no centro da cidade de Campinas, sob o Viaduto Vicente Ferreira Cury, onde também fica o Terminal Central de Ônibus Urbano e de onde saem algumas das principais vias de acesso aos diversos cantos da cidade.



Foto: Escola de Capoeira Angola Resistência, à direita. Acima da escola, o Viaduto Cury. 2011

Os treinos realizados na ECAR, de segunda a sábado, em diversos horários, abordam os fundamentos da capoeira angola, sua história, musicalidade, princípios e ritual. Nas terças-feiras, as aulas são direcionadas para outras expressões de matrizes africanas, com ritmos percussivos (Ijexá, Barravento, Congo-de-ouro, Vamunha), cantos e danças (Maculelê, Puxada de rede, samba de roda e dança do fogo).

Esses estudos e expressões são constantemente divulgados em apresentações das quais a escola participa ou organiza, entre eventos, manifestações populares e culturais. Além dos treinos cotidianos, outras modalidades de estudo e divulgação cultural que a Escola Resistência desenvolve são o “Núcleo de Estudos” e o “Cinema Popular”, realizados bimestralmente aos sábados pela tarde. Nesses encontros são discutidos temas e filmes relacionados à história do Brasil, ao universo da capoeira e de outras expressões afro-brasileiras. Essas atividades são gratuitas e abertas para todas as pessoas interessadas.

Em 2010 a ECAR foi contemplada pelo edital de Promoção da Continuidade das Culturas Tradicionais do Programa de Ação Cultural (ProAC/2009) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo que contempla uma série de atividades ligadas ao universo da capoeira angola e de outras expressões culturais afro-brasileiras. Através dele, adquiriu equipamentos audiovisuais (câmera fotográfica, filmadora, projetor multimídia, telão), computador, mesas, armários, dentre outras estruturas que permitiram ampliar as atividades desenvolvidas. Além das atividades cotidianas da escola e das apresentações culturais, melhorou as possibilidades de divulgação cultural como: a construção do site

(www.escolaresistencia.com.br); o registro e a divulgação das atividades, através da internet (texto, [fotos](#) e [vídeos](#)), e de cartazes; e o jornal comunitário e coletivo “A Voz do Gueto”.

Às sextas-feiras, ocorre a Roda do Gueto, realizada em uma viela próxima à sede da ECAR, rodeada de camelôs, bares e vendedores ambulantes. É uma “roda de rua” realizada em um grande centro urbano, regrada pelos fundamentos da capoeira angola e aberta a todos aqueles que quiserem participar, mas com “educação” e “respeito”, como afirma o Contra-mestre Topete. (ABREU E SILVA, 2006)

3. Desenvolvimento Teórico-metodológico

Esse estudo utiliza como metodologia a pesquisa com o uso de imagens, com base na antropologia visual e alguns aportes e reflexões da pesquisa participante, na medida em que o pesquisador faz parte do grupo estudado e é um dos responsáveis pela parte dos registros da ECAR, tanto de fotos quanto de vídeos. Assim, o material produzido pela pesquisa, também é utilizado para a divulgação da Escola e vice-versa, criando um acervo que contribui para o registro da memória e do conhecimento produzido.

No que tange o uso de imagens para pesquisa e registro Moreira Leite (1998) explica que, enquanto o texto verbal é consagrado pela tradição européia e acadêmica como forma prioritária de expressão ocidental e moderna, o texto imagético é associado ao contexto artístico e social. Devido às suas complexidades e ambigüidades interpretativas, acaba não sendo valorizado da mesma forma que o primeiro.

Contudo, a autora aponta que a imagem não é restituição, mas reconstrução de uma realidade, com alguma alteração voluntária ou involuntária. O observador a incorpora entre suas imagens mentais e, através dessa associação de imagens, se dá a apreensão de significados. Nas palavras da autora,

mecanismos perceptivos e cognitivos ampliam a compreensão das relações entre a imagem e as diferentes formas de memória, que, pelo reconhecimento e pela re-memoração, constroem a ponte para o texto verbal. Ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores. (Ibid, p. 44)

As facilidades de acesso às novas tecnologias de transmissão de informação cultural, como fotos, vídeos e internet, são assimiladas na ECAR como possibilidades de somar conteúdos no processo de ensino e de aprendizagem em capoeira angola, aliando o conhecimento prático à pesquisa e ao conhecimento teórico. Seus membros buscam, assim,

estabelecer uma *comunicação intercultural*, numa relação tripartite entre a produção do saber, o sujeito desse saber e seu público, de maneiras críticas e inovadoras, como meio de difusão de um conhecimento produzido em razão da comunicação, conforme aponta Dominique Gallois (1998).

Nessa direção, Pedro Abib (2004) reflete sobre os processos de transmissão do saber popular, suas características e os princípios de aprendizagem social dos sujeitos de um grupo, como a memória, a oralidade, a ancestralidade, e a ritualidade.

Por um lado, vemos tradições sendo preservadas e recuperadas e o sentimento de pertencimento étnico e identitário sendo reforçado, apesar de todas as contradições que esse processo encerra; por outro, estratégias sendo desenvolvidas por esses mesmos grupos, no sentido de se integrarem cada vez mais ao mercado da sociedade globalizada, como uma necessidade de sobrevivência política e econômica. (ABIB, 2004, p. 56)

Segundo o Contra-mestre Topete, “a mídia da capoeira são os próprios capoeiristas”. Ele, capoeirista desde 1986, é considerado por muitos com um grande divulgador dessa expressão cultural. Desde 1993 viaja para eventos de capoeira de dentro e fora do estado de São Paulo, dando cursos e oficinas e vendendo artigos de capoeira. José Nicodemos Cabral, hoje o “Trenel Nico”² da ECAR, já viajava com o CM Topete desde essa época. Em 2002, eles conseguiram um local fixo para vender os artigos em uma banca nas redondezas do Terminal Central de Ônibus Urbano de Campinas. Hoje a banca fica no mesmo espaço da ECAR, onde são vendidos artesanatos, CD's, DVD's, livros, roupas, instrumentos e outros artigos de capoeira.

4. Os processos de divulgação da Escola de Capoeira Angola Resistência

Conforme mencionado acima, um dos meios de estudo e divulgação da ECAR é o Núcleo de Estudos, que vem sendo organizado por um ou dois alunos curadores, que desenvolvem e apresentam o tema a ser discutido, baseado em pesquisa bibliográfica e iconográfica. Após a apresentação, a fala é aberta para os outros participantes presentes contribuírem com mais informações e opiniões, para assim fomentar um debate.

Em 2010 o Núcleo de Estudos abordou a temática “Africanidade”, discutindo desde a captura dos escravos e a sua resistência, passando pela formalização e a permanência da capoeira como expressão da cultura negra, até a questão da capoeira como contribuição para a construção da consciência negra. Em 2011 a capoeira foi o eixo condutor dos encontros, cujo

2 Nomenclatura adotada pelos grupos de capoeira Angola ao aluno que já tem um tempo de experiência e pode ministrar treinos aos demais alunos. Na ECAR, o nível mais alto na hierarquia é o de Mestre, seguido de Contra-mestre, Professor, Trenel e Aluno.

objetivo foi estudá-la nos principais Estados onde ela se desenvolveu (Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo). Já neste ano de 2012, os estudos abordarão a história do Brasil e os personagens das revoltas e guerras que marcaram e influenciaram nossa cultura, como Revolta dos Malês, guerras do Paraguai e de Canudos e a história de Lampião. Temas estes que até hoje são cantados nas músicas de capoeira.



Núcleo de Estudos na ECAR. Maio de 2010

Outro processo de divulgação que se complementa ao primeiro é o Cinema Popular, em que também há um ou dois alunos curadores responsáveis por arrumar o espaço para receber o público, montar os equipamentos, apresentar o vídeo e mediar o debate após a exibição. Normalmente, os vídeos (documentários ou ficção) dialogam com a temática abordada no mês anterior pelo Núcleo de Estudos.



Cinema Popular. Novembro de 2011.

Os processos de educação e transmissão de saberes presentes na ECAR são realizados a partir de uma relação dialógica entre os alunos no cotidiano da Escola, orientados pelo Contramestre Topete. Em relação a este engajamento intencional da educação e da comunicação, Paulo Freire fundamenta a possibilidade de conhecer nessas inter-relações entre todos os participantes do processo:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um 'penso', mas um 'pensamos'. É o 'pensamos' que estabelece o 'penso' e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação (FREIRE, 1975, p. 66).

Para todos esses eventos a divulgação é feita através de cartazes, e-mails, redes sociais e no “boca-a-boca”, o que traz algumas pessoas que não são alunas da escola, mas que apresentam algum interesse em contribuir nas discussões. Durante os encontros, rodas, eventos e apresentações há sempre a preocupação do registro, por meio de um caderno de presença e de fotografias, que são tiradas e disponibilizadas no site da ECAR. Assim, é construída uma memória fotográfica desses momentos que pode ser acessada e revisitada por meio da internet. Vídeos também são utilizados para o registro e a divulgação. Todos eles são armazenados e alguns também disponibilizados na rede. Dessa forma, esses registros podem ser acessados por pessoas de distintos lugares do mundo, entre capoeiristas, pesquisadores e admiradores.

Porém, a forma mais tradicional e eficiente de divulgar a capoeira é a roda de capoeira. Visando fazer uma roda de rua que trouxesse capoeiristas de diversos lugares para um ritual que remete às rodas de rua dos grandes mestres do passado e divulgar a capoeira para a população campineira, no dia 18 de fevereiro de 2003, começaram a fazer uma roda de capoeira angola, toda sexta-feira, a poucos metros da banca. Ela acontece em uma das vielas que dá acesso ao terminal, bem próxima à sede da escola, rodeada de camelôs, cabeleireiros, bares e vendedores ambulantes. É uma das passagens para entrar no terminal, e isso faz com que passem por lá milhares de pessoas por dia. (ABREU e SILVA, 2006)

... desde o início, nosso objetivo era a criação de uma roda de capoeira onde não houvesse discriminação de forma alguma: de cor, religião, idade, sexo, estilo de jogo; enfim, uma roda onde todos pudessem jogar capoeira, em igualdade, mas respeitando as características próprias de cada um... Decidimos também que essa roda aconteceria toda sexta-feira, sem falhas. (Contra-mestre Topete in Capoeiracada: revista de capoeira, 2006, p. 26)

No início, a roda recebeu diversos nomes, como “Roda do Gengibirra” (em referência à roda realizada em Salvador, e também aos diversos bêbados que passam e ficam

por lá), “Roda do Topete”, “Roda do Terminal”, mas o nome que mais se identificou e se manteve foi “**Roda do Gueto**”. “O gueto é um beco. É um lugar assim que tem várias classes sociais, passando, vivendo junto. Uma... não sei a palavra certa, uma periferia” (Professor Topete, Entrevista, 2006).

Segundo Souza (1999), as pequenas comunidades, na grande cidade, são recriadas dentro de um contexto de desagregação do espaço urbano e formam os guetos, que conseguem manter sua unidade cultural, preservando a intimidade e a solidariedade dos social.



Foto: Roda do Gueto em 2011, com a ECAR ao fundo.

A Roda do Gueto é uma roda de rua que preza pelos princípios e fundamentos da capoeira angola. Ela acontece em um espaço público, diferente de algumas rodas que acontecem em academias, ou em apresentações de eventos.

A diferença dela é que ela é uma roda aberta pra qualquer um, simpatizante da capoeira angola ou capoeirista que respeita os rituais da capoeira angola e que queira jogar capoeira. E ela é voltada aos nossos antepassados, nossos mestres, nossos ancestrais, que antigamente as rodas que existia na beira do cais da Bahia, nas praças, na praia, que todo mundo chegava, do trabalho, do estudo pra vadiar, brincar capoeira. (Contra-mestre Topete, Entrevista)

Para o Professor Leonardo Lopes (também membro da ECAR), a roda de rua é muito importante, porque a capoeira nasceu na rua, das classes menos favorecidas e, se hoje a capoeira

... tem reconhecimento social, tá dentro das universidade, tá no teatro, tá no cinema, tá em várias esferas sociais, diferentes da sua origem, é pela luta de pessoas [...] que vieram dessa origem, que é o pessoal do gueto mesmo, o pessoal pobre [...] e se a gente se esquecer disso, é aquela coisa: “planta sem raiz morre”(Professor Leonardo Lopes, Entrevista).

Para ele, a roda de rua retoma a essas origens, na “contra-mão” do que a capoeira e algumas manifestações culturais estão passando atualmente, se rendendo a formatos pré-estabelecidos para atingir públicos e interesses mercadológicos. Para Mestre Guanabara (José da Guanabara), que também frequenta a roda, vindo de Londrina:

Realmente esse é um trabalho de resistência de importância muito grande, porque isso é uma tradição da capoeira [...] é muito mais que isso, é um patrimônio nacional da capoeira de forma geral, porque com a massificação da capoeira no Brasil e no Mundo, estão jogando uma capoeira muito de academia, uma capoeira muito em recinto fechado, dentro de quatro paredes [...] E a roda de rua é um resgate de tudo aquilo da capoeira, da malandragem da capoeira, da mandinga, daquela capoeira teatral, daquela capoeira maliciosa, daquela capoeira que: “se cochilou, o cachimbo cai”. (Mestre Guanabara, Entrevista)

A partir do ano de 2011, a ECAR realizou dois eventos ocupando, também, o vão deixado ao lado do espaço da escola, onde antes era uma loja de calçados que no ano de 2010 foi demolida. Nesse local, foram realizadas aulas abertas de capoeira angola, além de apresentações culturais, como samba-de-roda, puxada-de-rede, dança do fogo e maculelê, manifestações afro-brasileiras estudadas pela Escola Resistência. Aos sábados, alguns moradores de rua e frequentadores da região improvisam, também, partidas de futebol ou outras atividades, fazendo de um espaço vazio, sem funcionalidade oficial, um local de convivência e atividades de integração social.



Foto: Aula de capoeira durante evento da ECAR em setembro de 2011.

Considerações Finais

A Roda do Gueto vem acontecendo há quase 10 anos, toda sexta-feira, fazendo calor, frio ou chuva (quando chove, a roda é realizada do lado de fora da ECAR, onde tem uma cobertura). Já passaram por lá grandes e velhos mestres da capoeira que aprovaram e elogiaram a roda e as condições em que ela é realizada. Através dela, a capoeira angola é divulgada e vivenciada por adultos e crianças em situação de rua, trabalhadores que passam por lá para pegar ônibus, tomar cerveja nos bares que existem ali na redondeza ou até mesmo pessoas que vão cortar cabelo nos cabeleireiros de cortes afro.

Para além do “gueto”, a capoeira angola da ECAR é divulgada para o mundo todo através da internet e seu site está se tornando referência para os capoeiristas que buscam textos, fotos e vídeos sobre o assunto. As redes sociais em que a ECAR está inserida também proporcionam uma plataforma interessante para a divulgação e a comunicação com outros grupos culturais, criando uma rede de colaboração em que os grupos parceiros divulgam as atividades e os saberes uns dos outros, contribuindo para o fomento da cultura popular na região.

Essa produção de conhecimento e necessidade de divulgá-lo para a comunidade de uma maneira coletiva e inovadora nos motiva e inquieta a pensarmos nos limites em que se dá a divulgação de ciência e cultura, entre o acadêmico e o popular, e de que forma essa divulgação é pensada e feita pelo grupo e recebida pelo público.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola:** cultura popular o jogo dos saberes na roda. Campinas: Unicamp (tese de doutorado), 2004.

ABREU E SILVA, Danilo de;. **A Roda do Gueto:** uma etnografia sobre a capoeira no Terminal Central de Ônibus Urbano de Campinas. 2006. 57p. Monografia (Conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Radialismo). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Unesp, Bauru.

CAPOEIRACADA: **Revista de capoeira.** Ano 1, número 1: Campinas, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 2. Ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1975

GALLOIS, Dominique Tilkin. Antropólogos na mídia: comentários acerca de algumas experiências de comunicação intercultural. In: MOREIRA LEITE, Miriam L., FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.). **Desafios da imagem:** Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papyrus, 1998, pp. 305-319.

MOREIRA LEITE, Miriam L. Texto visual e texto verbal. In: MOREIRA LEITE, Míriam L., FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.). **Desafios da imagem:** Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papyrus, 1998, pp. 37-49.

SOUZA, Luís Antônio F. **Sociabilidade, cultura e violência no espaço urbano**: Leituras e reflexões. Rua. Revista do Nudetri. Unicamp: Campinas, n. 5, 1999.